

## — 444 —

rificou-se que: I) nível de educação é por si só o fator mais importante para determinar a eficiência em espanhol, sendo os anos de escolaridade de grande importância na zona rural; II) os habitantes da zona rural tendem a ter uma menor eficiência bilingüe pois a necessidade de aprender o espanhol é bem menor na zona rural; III) na zona urbana o status social exerce certa influência em razão do idioma que é aprendido primeiramente, com as pessoas da classe alta aprendendo antes o espanhol; IV) nas zonas rurais os homens adquirem maior eficiência bilingüe que as mulheres.

Surpreendente é a inter-relação complexa entre os dois idiomas principais do país.

Todos estimam o espanhol, mas não deixam de sentir uma ambivalência em sua atitude para com o guarani.

Quase todos aprendem algo de guarani mas a aquisição e o grau de eficiência no espanhol depende das variáveis sociais.

Há três áreas em que o uso lingüístico está definido (na zona rural, na escola e nas funções públicas em Assunção). Em todos os demais casos o uso está definido em parte pelas dimensões sociais, em parte pelas pressões sociais e em parte por considerações de índole individual.

Ainda que o uso e a eficiência relativa tenham se mantido estáveis no Paraguai durante os últimos quatrocentos anos, em Luque e em Itapuami houve uma mudança no sentido de uma maior habilidade e eficiência bilingüe.

As argutas ponderações da autora de que demos pálida mostra nesta resenha, poderão servir como modelo em pesquisas a serem efetuadas em outras comunidades bilingües, já que permitem descobrir características importantes que contribuem para manutenção ou promoção de comunidades semelhantes.

ERASMO D'ALMEIDA MAGALHÃES

\* \*

\*

CASTRO, Sílvio *A Revolução da Palavra — origens e estrutura da literatura brasileira moderna*, Petrópolis, Vozes, 1976.

Sílvio Castro vem engrossar a bibliografia referente ao movimento modernista com este livro que é, segundo o prefácio, fruto de pesquisas e indagações, acerca da literatura brasileira moderna, realizadas em forma de cursos ministrados nas Universidades de Pádua e Veneza. Pretendendo ser “principalmente a História do Modernismo Brasileiro”, divide-se o estudo em duas partes: “A Poética Adjetiva” e a “Poética Substantiva”

A primeira, referente aos precedentes diretos do movimento (Simbolismo e Cruz e Sousa) e ao ambiente literário anterior à zoadá de 1922, localiza no autor de *Missal* a origem de um novo tempo poético: a descoberta da “poesia pura”, emergente do espírito irracional, não conceitual da linguagem, opondo-se à logicidade formalista que espartilhava o verso parnasiano. Tal sopro de modernidade vê-se prejudicado por um certo caráter de involução, que, assumindo a feição de “recorrências”, só começará a ser extirpado, consoante a perspectiva do Autor, com o brado de independência proferido em 1922. “Recorrências” simbolistas, parnasianas e regionalistas hão de enformar um embate entre Tradição e Modernidade no pré-modernismo. “As primeiras figuras que não se deixam condicionar pelas recorrências literárias da tradição brasileira: Euclides da Cunha, Graça Aranha e Augusto dos Anjos”, p. 13. Torna-se evidente que o conceito de “recorrência” é puramente formal (“a presença formal e tradicional das “componentes” de uma forma romântica e de uma forma parnasiana”, p. 12), ou não se justificaria que os autores supracitados, com uma visão eminentemente científica da realidade, fugissem a tal condicionamento.

A segunda parte trata da “revolução literária de 1922.” Revolução lexical, conforme a óptica do Autor. Destarte, a reinvenção da linguagem (um dos itens no artigo “Na Maré das Reformas” de Menotti del Picchia, publicado no “Correio Paulistano”, a 24 de janeiro de 1921) será “o setor mais importante da revolução modernista” (p. 96).

Se a nova poesia, inaugurada com *A Paulicéia Desvairada* de Mário de Andrade e radicalizada pelas inovações de Oswald de Andrade, não vai sofrer solução de continuidade, mesmo em autores onde a tradição e o vanguardismo coexistem (Manuel Bandeira, Augusto Frederico Schmidt), encontrando maturidade expressiva em Carlos Drummond de Andrade e João Cabral de Melo Neto — o mesmo não se pode dizer no que concerne à prosa. Nesse setor, *Macunaíma* e *Memórias Sentimentais de João Miramar* lançam a semente revolucionária, no léxico e na sintaxe, que só será retomada em 1946, com Guimarães Rosa — coincidentemente época da crise de 1945. Vê o Autor na obra roseana (e nos ficcionistas que são devedores de sua lição de vanguarda: Adonias Filho, Clarice Lispector, Nélia Piñon) o início do modernismo na prosa de ficção.

Aqui se delineia o conceito basilar do livro: refutar que esteja o Modernismo brasileiro historicamente acabado ou se tenha transformado num neo-modernismo. A crise momentânea, por que atravessa o poesia por volta de 1945, quando um grupo de poetas propendia para um retorno lógico-formalista de natureza tipicamente parnasiana, “provoca a reação do espírito modernista ainda vivo e ativo, fazendo com que nasça o movimento da Poesia Concretista” Configura-se, assim, o concretismo como uma retomada da radicalização léxico-sintática promovida pelos Andrades.

O meio de que se serve o Autor para comprovar sua tese é um conceito de modernidade e/ou vanguarda que, por repousar no aspecto formal (inovação léxica e sintática), apresenta um contorno impreciso. Para ele, movimento de vanguarda significa pesquisa ativa por uma linguagem, radicalizando, por seu turno, a máxima de Maiakovsky sobre a não existência de arte revolucionária sem a correspondente presença de uma forma revolucionária. Se arte de vanguarda é a que leva a consequência extremas as pesquisas formais ou irracionaisistas, se é esse vanguardismo de caráter meramente formalista que define o Modernismo — o Barroco com suas audácias formais (ver, por exemplo, “O Labirinto Cúbico” de Anastácio Ayres de Penhafiel, o “Soneto per Ecos” de Bento Teixeira Pinto, o “Labirinto” de Fernão Álvares do Oriente), a sacudir o mofo da retórica clássica, é também um modernismo. Ausenta-se, assim, da obra em pauta o elemento conteudístico, cuja peculiaridade e especificidade enformaria uma *Weltanschauung* típica do movimento a ponto de não confundi-lo com nenhum outro. Só o ponto de vista formal, como o adotado por Sílvio Castro, poderia decretar uma continuidade entre o Concretismo e as primeiras manifestações modernistas, cujo mergulho na realidade nacional opõe-se, substancialmente, ao insulamento “arte pela arte” e internacionalista daquele.

A reinvenção revolucionária tanto em relação ao léxico quanto à sintaxe, responsável pela conceituação de “modernismo” em seu ensaio, na medida em que rompe com o espírito e tradição lógico-formalista da linguagem do século XIX, não se corporifica, por seu lado, numa série de procedimentos em cujo substrato repousasse(m), mesmo que do ponto de vista formal, o(s) elemento(s) unificador(s) e definidor(s) da estética considerada. Oralidade, busca de um vocabulário e frase brasileiros, ruptura com o formalismo oco das estéticas precedentes não nos parece sejam capazes de gerar a especificidade do Modernismo.

Cumpriria, talvez, ressaltar que o Modernismo, como qualquer outro movimento, não pode definir-se apenas pelo estilo, pois soma uma forma a um conteúdo, é uma adequação de estilo ao clima espiritual de uma determinada época. Aliás, temos a impressão, salvo erro de perspectiva, de que é o conteúdo ideológico, *lato sensu*, que, ao exigir a forma mais adequada para expressar-se, instaura a modernidade, o “avant-garde”

A oscilação entre a historiografia literária e o ensaísmo compromete a estrutura e o rigor crítico da obra em pauta. Se pretende, como dissemos ao início, ser uma História do Modernismo, não se justifica a omissão de certos autores, como Guilherme de Almeida, Vinícius de Moraes, Osman Lins. . Explicar-se-ia tal lapso, afirmando-se que o intuito ensaístico, com vistas à tese que pretende defender, preside à seleção dos ficcionistas e poetas. Mesmo sob esse aspecto parece-nos passível de questionamento a inclusão de auto-

res como José Américo de Almeida, Rachel de Queirós, José Lins do Rego, Jorge Amado e Érico Veríssimo, cujas contribuições para a evolução da prosa modernista são detectadas de modo impressionista. Assim, a modernidade de José Américo está num “novo” tipo não-enfático de expressão lingüística” (p. 133); o traço de modernidade de José Lins do Rego é a utilização da “memória reconquistada através do intuitivo” (p. 139); em Rachel de Queirós, o lirismo será um elemento novo no quadro dos romances regionalistas (p. 131)...

Os senões acima discutidos, decorrentes, como se percebeu, da postura metodológico-crítica, em nada diminuem a importância desse estudo de Sílvio Castro. Ao contrário, útil é a obra que nos faz pensar e exige uma tomada de posição. Sua interpretação, sob o prisma formal, do Modernismo, avulta em fecundidade. A ponto de suscitar em seus leitores a impressão de que a perquirição desse rastro formalista na estética deflagrada em 1922, culminando com a tendência verbivocovisual concretista, talvez venha a comprovar que, ao invés de ruptura com o passado e a tradição, é a Literatura Brasileira atual herdeira de um sestro barroco-parnasiano, que está em nosso sangue e caráter.

FRANCISCO MACIEL SILVEIRA